

18 MAI 1987

A questão educacional

EDUCAÇÃO

Coisas estranhas estão cada vez mais acontecendo ao ensino no Brasil. Agora é uma entidade de classe dos donos de escolas que propõe a greve. A propósito da insolvência financeira de algumas delas. Inclusive escolas com nomes religiosos.

Ora, o que deveria ocorrer é exatamente o oposto. O Governo não tem nada que se meter em escola privada. Elas que se submetessem às leis de mercado: liberados os seus preços com a multiplicação paralela do ensino público e portanto gratuito. Nada, então, de socorrer com suplementações, os aumentos impedidos por greves estudantis. Aliás, estudante que frequenta escola particular dificilmente deixa de comparecer às aulas. Mas do jeito que vai, nem uma coisa nem outra, e sim outras muito diferentes e bastante estranhas.

O Governo, por um lado, mete-se a proibir aumentos, sem aumentar o número das suas próprias escolas, as públicas. Daí o impasse. Todos reclamam, ninguém fica satisfeito. Atitude não só educacional, também anti-política. Não se consegue entendê-la sob nenhum parâmetro.

Claro que os pais de certas crianças não dispõem de recursos para os aumentos. Só que, outrora, o ensino particular destinava-se à elite mesmo. Era a época dos grandes colégios religiosos jesuítas, maristas e salesianos para os rapazes, em especial o Sacré Coeur e o Sion para as moças. Paralelos à rede dos colégios estaduais e escolas normais. Sem se-

rem esquecidas as escolas protestantes ou evangélicas, algumas também chegando a transformar-se em universidades modelares como a Mackenzie, do nível das Pontifícias Universidades Católicas.

Várias causas esvaziaram o ensino particular religioso, principalmente a escassez de vocações sacerdotais e até de freiras, ultimamente a dos próprios pastores, no contexto de crescente secularização da cultura e sociedade contemporâneas. Resultado: os grandes colégios religiosos tornando-se mistos, nem assim impedindo tantos de fecharem as portas. Paralelamente à multiplicação de escolas privadas caça-níqueis, se não todas, muitas delas. Evitando que surgisse uma depuração das melhores escolas particulares laicas, que existem em pequena quantidade de alta qualidade. Papel supletivo que seria bem-vindo.

Agora a situação se coloca de maneira cada vez mais difícil: os pais que buscam escolas públicas gratuitas e não as encontram, têm de matricular os filhos nas caras escolas particulares. Estas não podem ser baratas porque precisam pagar melhor seus professores e estes, sim, fazem greves. Reclamam então os pais dos alunos contra as elevações das mensalidades, outrora anuidades, em breve talvez aumentos trimestrais no bojo da espiral inflacionária.

Não se trata de maniqueísmo opondo escola particular versus escola pública. Numa sociedade pluralista elas se completam, à

maneira mais ampla de iniciativa privada e propriedade estatal nos grandes setores da economia. A discussão excludente não tem, portanto, qualquer sentido. Trata-se, neste caso, de querer deter ou diminuir o já pequeno esforço educacional do Brasil.

Veja-se a significativa coincidência: no momento mesmo em que ressurge o impasse ensino particular/ensino público, ocorre em Brasília o Seminário Regional sobre Alternativas de Alfabetização para a América Latina e o Caribe, promovido pelo MEC e Unesco. Numa coincidência que fala por si: ainda faltam muitas escolas, principalmente públicas, também no Brasil e países do continente.

Por que não se ataca, enfim, pela base o problema, inclusive com maior e melhor aplicação dos recursos da Lei Calmon?

Não se pode continuar da maneira atual, insuficiente e ainda por cima rachada por polêmicas intermináveis e contraproducentes. Detém-se todo o precário sistema educacional para se discutir o óbvio. Pagam financeiramente os pais, intelectualmente as crianças, ao lado de recíprocos prejuízos, também para os donos de escolas e professores.

Getúlio Vargas já dizia que "o ensino é matéria de salvação nacional". O dístico está na lápide do seu busto no antigo MEC do Rio de Janeiro, hoje Palácio da Cultura. Nem assim, gerações e gerações passando diante dele, resolveu-se a questão na prática.

CORREIO BRASILENSE